A CORUJA GRANDE DA NOITE ENTRE A TRADIÇÃO E A INOVAÇÃO: UMA LEITURA DO LIVRO MURUCUTUTU, DE MARCOS BAGNO*

Suzana Rosa Melo**
Raquel Aparecida Dal Cortivo***

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar e comparar a lenda tradicional da coruja com a recriada por Marcos Bagno, abordando os elementos narrativos da história, retratando a sociedade pós-moderna e contemporânea, mostrando dessa forma, como os acontecimentos da época influenciaram na escrita literária. Tal abordagem será feita a partir dos pressupostos teóricos de Nelly Novaes Coelho, Leonardo Arroyo, Antonio Candido, Luis da Camara Cascudo, Cândida Vilares Gancho, entre outros. Marcos Bagno, ao recontar a narrativa da coruja Murucutu, mostra de forma clara a discordância com as histórias estereotipadas. Com base na narrativa do autor será feita uma abordagem sobre os novos e antigos valores representados por meio dos personagens, considerados peças fundamentais para o desenvolvimento da história. Portanto a literatura infantil se torna uma importante aliada no que se refere à formação da nova mentalidade da criança, sendo capaz de transportá-la por meio do lúdico ao mundo imaginário.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Conto. Marcos Bagno.

Abstract: The present work aims to analyze and compare the traditional owl legend with the one recreated by Marcos Bagno, addressing the narrative elements of history, portraying the postmodern and contemporary society, showing in this way how the events of the time influenced the literary writing. Marcos Bagno, retelling the narrative of the owl Murucutu, clearly shows the disagreement with stereotyped stories. Based on the narrative of the author will be made an approach on the new and old values represented through the characters, considered fundamental pieces for the development of history. Therefore, children's literature becomes an important ally in what concerns the formation of the new mentality of the child, being able to transport it through the playful to the imaginary.

Keywords: Children’s Literature. Tale. Marcos Bagno.

1. Introdução

Marcos Araújo Bagno nasceu em Cataguases, em Minas Gerais, no dia 21 de agosto de 1961, renomado professor de Letras, destaca-se em várias áreas: é tradutor, intérprete (trabalha no Departamento de Línguas Estrangeiras em Brasília), poeta, escritor de livros teóricos e da literatura infantil e juvenil. Recebeu vários prêmios pelas obras publicadas, dentre os quais destacam-se os mais recentes, o II Prêmio Bienal de Brasília do Livro e da Leitura, Governo do Distrito Federal, em 2014; Prêmio Biblioteca Nacional, Biblioteca Nacional, em 2013; e o Prêmio Jabuti 2012, Câmara Brasileira do Livro, em 2012.

---

* Título: A coruja grande da noite entre a tradição e a inovação: uma leitura do livro Murucututu, de Marcos Bagno.
** Acadêmica finalista Suzana Rosa Melo
*** Professora orientadora Raquel Aparecida Dal Cortivo.

O autor é mais conhecido por sua atuação acadêmica na pesquisa sociolinguística, cujo principal tema é o preconceito linguístico, ganhando projeção pelo livro **"Preconceito linguístico"**, entre outras obras que abordam o tema. Além disso, como já dissemos, publicou mais de dez livros infantis e juvenis que revelam a valorização das palavras, em conformidade com a linha de estudo do pesquisador, dando ênfase às variações linguísticas. No ponto de vista do autor, não se deve levar em consideração somente a gramática correta, e sim as palavras ditas. Tal tese de Bagno evidencia seu distanciamento da visão tradicional no ensino da língua, posição intelectual que estende às obras de ficção. Não é amante do tradicionalismo, prefere temas e abordagens que sejam inusitados, por isso ele fez várias adaptações de lendas nos contos infantis.

Nesse sentido, interessa-nos analisar o livro **Murucututu**: a coruja grande da noite, publicado em 2005, premiado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), na categoria "O melhor para a criança" (BOTTON; STREY, 2015, p. 72). Em outras palavras, interessa-nos analisar como o autor coloca em tensão elementos tradicionais e os valores que "semearão uma nova mentalidade futura" (COELHO, 1993, p. 17), na reescrita da lenda do folclore brasileiro.

Analisando a obra de Bagno, **Murucututu** a coruja grande da noite, observaremos os aspectos novos condizentes com a nova literatura destinada às crianças. Buscaremos inspecionar como se dá a construção dos personagens, considerando que são eles os principais veículos dos valores sociais, em consonância com a visão-de-mundo da narrativa de Bagno, à luz dos pressupostos teóricos de Nelly Novaes Coelho, sobretudo no que se refere ao que a autora denomina "formação da nova mentalidade".

Procederemos ao exame da obra, fazendo o levantamento e estudo do enredo e dos personagens, considerando o papel formador da literatura infantil e juvenil, tomando também como aporte teórico Antônio Candido no que tange à função formadora da literatura.

2. Fundamentação teórica

A partir do livro de Nelly Novaes Coelho, observamos a importância da literatura no desenvolvimento intelectual do indivíduo, sua função e sua decadência em meio ao auge da tecnologia. A autora descreve as fases que a literatura infantil percorre juntamente com as mudanças históricas, principalmente no que concerne aos valores a serem repassados às crianças e jovens.

No século XVII surge a literatura própria para as crianças, advinda da tradição oral, ou seja, as primeiras histórias voltadas ao público infantil eram as histórias contadas em rodas e estas serviam tanto para adultos como para crianças. Conforme afirma Novaes Coelho, “Todas as [histórias] que se haviam transformado em ‘clássicos’ da literatura infantil nasceram no meio popular” (1993, p. 36).

A concepção de infância nesta época guia o estilo de obras que foram destinadas a esse público. O surgimento da literatura infantil está ligado ao surgimento da escola e à intenção moralizante e pedagógica que se pretendia dar aos textos, sobretudo, devido à compreensão de que a criança precisava ser educada, conforme certos padrões sociais. Nesse sentido, o mesmo caráter de exemplaridade das histórias populares é aproveitado e amplificado, de acordo com Nelly Novaes Coelho: “Em todas elas havia a intenção de ‘passar’ determinados *valores* ou *padrões* a serem respeitados pela comunidade ou incorporados pelo comportamento de cada indivíduo” (COELHO 1993, p. 36, grifos da autora).

Tal intenção sempre foi uma das problemáticas discutidas pelos especialistas da área, já que o aspecto pedagógico minimizaria o caráter artístico dessa literatura. Segundo Leonardo Arroyo:

> E tão imponderáveis são também os critérios constituídos para o estabelecimento de um conceito definitivo que, na maioria das vezes, ou geralmente, atendem apenas a determinadas implicações históricas, sociais e, sobretudo, pedagógicas. (ARROYO, 2011, p. 26).

A preocupação dos estudiosos se mostra intensa no que concerne a descobrir o verdadeiro conceito de literatura infantil, que ao longo dos tempos se modifica constantemente, o autor afirma que o pedagógico sempre vai fazer parte das obras infantis, independentemente de qualquer alterações de conceitos na literatura infantil. Contudo, também parece ter se tornado consenso entre os autores que se ocupam do tema que os aspectos artísticos não podem ser desconsiderados. Além disso, a representatividade da criança nas obras deve se dar de forma autêntica, sem transformar as personagens mirins em seres rasos, desprovidos conflitos internos e sem personalidade própria. Os críticos parecem concordar que a representação da personagem infantil deve considerá-la como um indivíduo em transformação.

Conforme a sociedade se modifica, a literatura também vai mudando seus temas e sua estrutura. Tal reciprocidade entre literatura e sociedade permite pensar, como destaca

Nelly Novaes Coelho, que, por meio da literatura novas formas de pensar o mundo se instalam nos leitores, ou, nas palavras da autora, "uma nova mentalidade" (1993, p. 13). Dessa forma, Novaes Coelho identifica velhos e novos valores que se apresentam nas obras infantis e podem dar a medida das mudanças ocorridas. Entretanto, a autora não desconsidera, principalmente no que se refere aos contos primordiais[1], a capacidade de comoção dos mesmos e a importância que assumem no universo infantil por atenderem tanto a uma necessidade básica de ficção e fantasia quanto por fornecerem base segura para a apreensão dos medos e das angústias (mesmos inconscientes) do leitor/ouvinte mirim.

No tradicionalismo, na era burguesa a sociedade era alvo de constantes preconceitos, já no mundo contemporâneo tudo se modifica, ou está em processo de transformação. Para abordarmos as mudanças ocorridas que de certa forma adentram as obras literárias, apresentamos um quadro comparativo dos antigos valores e dos novos valores sociais que podem ser observados no livro que examinaremos. Essa comparação foi elaborada a partir das ideias desenvolvidas por Nelly Novaes Coelho (1993, p. 18-24), mais amplas que as ora apresentadas, pois nos limitamos à especificidade do nosso tema:

Tabela 1 – Valores tradicionais e valores novos.

Tradicional	**Novo**
Autoritarismo. Obediência absoluta às autoridades (igreja, governo, esposo, pai, patrão).	"Sociedade questionadora". Rejeição ao autoritarismo; liberdade de expressão.
Religiosidade baseada na ideia de recompensa do bem e punição do mal.	Responsabilidade individual, livre arbítrio, consciência dos impactos das atitudes de cada um para a comunidade.
O passado deve ser transmitido inalterado de geração para geração por meio de modelos a serem seguidos até mesmo na escrita.	Sociedade enxerga o passado como importante aliado no que concerne à uma nova escrita.
O papel e a participação da mulher na família se resume apenas aos afazeres domésticos.	A mulher conquista seu espaço na sociedade tendo seu direito igualado ao do homem.
Racionalismo: valorização da verdade e do conhecimento científico.	Se conhece a realidade da humanidade por meio da imaginação, intuição e fantasia.
A criança desde cedo deveria assumir responsabilidades adultas. Educação rígida por parte dos adultos.	A criança é vista com outros olhos, nesse período ela alcança seu próprio espaço.

Fonte: COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**. (1993, p. 18-26).

[1] Nelly Novaes Coelho denomina contos primordiais aqueles surgidos na tradição popular, cuja origem se perdeu nos primórdios dos tempos.

Nelly Novaes Coelho classifica como arte a literatura infantil, uma vez que ela é capaz de desenvolver a criatividade dos pequenos leitores, que ao lerem um texto ou um livro literário, entram num mundo imaginário, onde tudo acontece. Como a literatura em geral, a literatura Infanto juvenil mostra por meio da escrita os acontecimentos na sociedade, ou seja, nos mantém informados das constantes mudanças que acontecem no meio social e cultural, sabemos também que ela humaniza e educa, transmite certos valores à criança que desde pequena precisa ser trabalhada na questão ver o lado do outro. Segundo comenta Nelly Novaes Coelho: "A Literatura Infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte; fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra" (COELHO, 1993, p.24).

O autor Antônio Cândido também afirma essa questão da função humanizadora que transforma a personalidade do homem em todos os aspectos por meio da literatura. A literatura expressa por meio da palavra os caminhos a serem trilhados. Conforme Antonio Candido, a função humanizadora da literatura consiste na "a capacidade que ela tem de confirmar a humanidade do homem" (CANDIDO, 1999, p. 81), ou seja, o autor entende a "literatura como força humanizadora, não como sistema de obras" (CANDIDO, 1999, p. 82), ressaltando a importância da ficção e da fantasia presente nas obras como uma melhor forma de trabalhar a parte psicológica do homem, atuando de forma positiva no que concerne à enxergar o outro.

3. Murucututu no folclore brasileiro

O dicionário Aurélio define Murucututu como um tipo de coruja:

> Murucututu [Do tupi.] Substantivo masculino.
>
> 1.Bras. Zool. Ave estrigiforme, estrigídea (Pulsatrix perspicillata), da América do Sul. Coloração parda; fronte, sobrancelha e mancha na garganta, brancas; mento e peito, pardos; o resto do abdome, amarelo-ocre; alimenta-se de aves e mamíferos, sobretudo roedores:
> "Desde as sete horas da tarde, só se ouve na povoação o pio agoureiro do murucututu" (Inglês de Sousa, O Missionário, p. 82). (FERREIRA, 2001, 477)

Conforme o exemplo dado por este mesmo dicionário, as ocorrências do murucututu na literatura aludem ao aspecto supersticioso a que se ligou ao canto da ave: "pio agoureiro".

No folclore brasileiro, além do pio agoureiro, também há o registro da coruja como "mãe do sono", invocada para trazer o sono às crianças que demoram a dormir. Assim a descreve o **Dicionário do Folclore Brasileiro,** de Luís da Camara Cascudo: "Parece ser considerada como a mãe do sono. Nas cantigas das amas indígenas, o murucututu é invocado para dar o seu sono às crianças que custam a dormir" (CASCUDO, 2009, p.514).

Podemos perceber que a lenda da coruja murucututu está inserida na cultura popular brasileira, quando cita as amas indígenas como as primeiras a usarem a canção e entoarem os versos "murucututu da beira do telhado" como atrativo ao sono das crianças.

Relacionado a esse fato, a autora da tese **Canções de ninar brasileiras**, Silvia de Ambrosis Pinheiro Machado, afirma: "Elemento originário da cultura dos grupos indígenas nativos da região amazônica, a murucututu será transportada para o interior de canções culturalmente híbridas e nela adquirirá caráter exclusivamente terrífico" (MACHADO, 2012, p. 104). A autora contempla em sua tese as canções de ninar e aproveita para mostrar como a murucututu foi inserida nessas cantigas, tendo, devido ao traço amedrontador, semelhanças com outros seres do folclore brasileiro como, por exemplo, as cucas ou o bicho-papão.

Assim, a coruja, que fica à espreita em cima do telhado, na forma tradicional da cantiga, é aludida à criança como um bicho amedrontador, associado à punição pela teimosia. A autora Silvia A. P. Machado reproduz na referida tese os versos da cantiga de ninar:

> Murucututu
> Na beira do telhado
> Murucututu na beira do telhado
> Vem comer este menino
> Que ainda está acordado
> Vem comer esse menino
> Que ainda está acordado
>
> (In. MACHADO, 2012, p.107)

O pânico acontece no momento em que o nome murucututu adentra a canção de ninar, dizendo estar na beira do telhado, como comumente as corujas costumam ficar, sendo evocado por quem canta para vir devorar o menino que ainda está acordado até tarde.

Desse modo, por meio das cantigas de ninar, a personagem lendária é apresentada já na mais tenra infância e se faz presente até hoje nas canções para as crianças. Além da concepção utilitária, ou seja, de ser recurso encantatório para distrair e fazer adormecer a criança, a cantiga de ninar atua como veículo dos primeiros contatos com palavra, isto é, a linguagem. De acordo com o que diz Maria da Glória Bordini:

> O acalanto é a forma mais conhecida de poema de afago e, talvez, o verdadeiro gatilho da sensibilidade posterior da criança para a poesia. Embalando o bebê nos braços, a mãe ou o pai cantam-lhe baixinho canções como "Boi da cara preta", cujo conteúdo ameaçador é contra-balançado pela intervenção reconfortante da personagem que representa a proteção paterna (BORDINI, 1991, p.24).

No momento em que a canção é apresentada, a criança viaja no mundo da imaginação, recriando em sua mente o suposto acontecimento, vivenciando, assim, a tensão da história e, ao mesmo tempo, sentindo-se protegida pela presença do pai ou da mãe. No caso da lenda original do Murucututu, a mesma pode causar medo, pois está ligada à linhagem do bicho-papão, como citamos anteriormente, mas pela união que promove entre o adulto (mãe, pai ou cuidador) e a criança também desperta o sentimento de tranquilidade, sobretudo pelo ritmo suave. Maria da Glória Bordini destaca que "o tecido melódico [...] tem sido tradicionalmente cultivado pelo povo para aquietar a criança com ritmos hipnóticos [...]" (1991, p. 23).

Desse modo, o acalanto, além de fazer a criança ter o primeiro contato com a poesia e com a cultura, une mãe e filho, quando esta, no momento em que canta, realiza gestos acariciadores para adormecer o pequeno, com isso a afetividade se torna forte entre ambos. Conforme aborda Maria da Glória Bordini: "A mãe recita os versos, tocando de leve as pontas dos dedos da criança" (1991, p. 24).

Por outro lado, conforme a autora, o sentido das cantigas nem sempre é explicável ou está no foco da criança, pois a sonoridade torna-se o aspecto mais relevante. Percebemos isso na canção de ninar **Murucurutu** pela a repetição do "u". De acordo com a etimologia, "murucututu" é de origem Tupy (Murukutu'tu) e reproduz o som emitido pela própria ave quando voa atrás da presa, conforme o **Dicionário do Folclore Brasileiro**: "que deve seu nome ao grito que repetidamente faz ouvir, quando, durante a noite, vagueia em procura de presa" (CASCUDO, 2009, p. 514).

O medo se torna mais crescente, quando a vogal "u" ecoa repetidas vezes em meio (e por meio) da palavra murucututu, causando pavor a quem ouve, principalmente porque as corujas só aparecem à noite e, como já mencionamos, se tornaram sinônimo de má sorte ou mau agouro: acredita-se que anunciam a morte. O som, segundo Maria da Glória Bordini, promove a "interação concreta entre texto e criança" (1991, p. 63). Só posteriormente o significado da palavra é preenchido com elementos referenciais, como as características do verdadeiro animal que deu origem à canção.

Quanto aos traços físicos da coruja, biologicamente, conforme as definições dos dicionários apresentados, a espécie designada na cultura indígena como murucututu é relativamente maior que outras aves, pois tem 48 centímetros de altura, de acordo com Silvia de Ambrosis Pinheiro Machado, razão pela qual é também chamada de corujão. Então concluímos que pelo tamanho descrito pela autora, a coruja era considerada "grande" comparada à outras aves.

Além disso, a autora descreve com clareza as características físicas da ave: "Tem o dorso marrom-escuro e, na face, traz o desenho de um x branco entre os olhos" (AMBROSIS, 2012, p.104). Com bases nos traços físicos da coruja apresentados pela autora Silvia de Ambrosis Pinheiro Machado, vimos que devido ao tamanho a ave causava aversão não apenas nas crianças, como também nos adultos. Além do que foi citado acima sobre a imagem da coruja, ela também tem olhos acentuados, chegando a brilhar no escuro.

Interessam também as características atribuídas ao animal pela cultura ao longo dos anos, sobretudo, se considerado o folclore que, como apontamos anteriormente, ressalta o aspecto tenebroso da coruja como ave de mau agouro ou que captura as crianças que teimam em permanecer acordadas até altas horas da noite. Apesar de ser considerada uma espécie ameaçadora, ela também representa a sabedoria, assim ressalta o **Dicionário de símbolos** de Herder Lexikon: "[...] é também um símbolo da sabedoria que atravessa a escuridão da ignorância [...]" (LEXIKON, 1992, p.66). Portanto, conforme o autor, a coruja é considerada um animal sábio por enxergar somente no escuro, tendo os olhos bem abertos é uma ave de grande esperteza.

Considerando os aspectos biológicos e culturais da imagem da coruja, passaremos a rastrear algumas alterações ocorridas na representação do animal no registro escrito. Observamos que, a letra da canção de ninar sofreu variações ao longo dos anos, como podemos citar, comparando o registro de Câmara Cascudo com a cantiga de Bia Bedran:

Murucututu
Murucututu detrás do murundu
Murucututu detrás do murundu
Lá vem a sinhá velha,
Lá da banda do andu

Murucututu de cima do telhado
Murucututu de cima do telhado
Deixa esse menino
Dormir sono sossegado
Jacaré tutu, jacaré mandu

> Tudo vai embora
> Não pega o meu filhinho
> Murucututu...
> Murucututu...
>
> (BEDRAN, 2005, faixa 4)

Percebemos que nos versos mais atuais, de Bia Bedran, a estrutura e as letras modificam o sentido da cantiga original, acrescentam-se mais locais para estada do murucututu, além de cima do telhado. São incluídas outras espécies de animais, mas estes agora são expulsos por quem canta, trazendo tranquilidade à criança pelo fato de saber que não será pega pelo murucututu, jacaré tutu e nem jacaré mandu. Entretanto, a cultura indígena, pela presença do vocabulário ainda se faz presente. O jogo sonoro parece intensificado pela presença do "u" e pelas repetições.

A lenda deu origem, ainda, a um livro infantil escrito pelo linguista Marcos Bagno, **Murucututu**: a coruja grande da noite, publicado em 2005, em São Paulo, pela editora Ática que passamos analisar no próximo item.

3.1 A história recontada

3.1.1 Enredo

O autor Marcos Bagno, ao escrever a obra **Murucututu**: a coruja grande da noite a partir da lenda original indígena, procura manter a cultura, ou seja, a ave como representante típica do folclore brasileiro. Ele também contempla o tradicionalismo, para assim apresentar a nova literatura (contemporânea), por intermédio de seus personagens.

A partir de uma atitude narrativa do contador de histórias, o autor nos apresenta suas personagens envoltas num clima de mistério, propício ao aparecimento do elemento fantástico. Avó e menina moram numa casinha no meio do mato. Em tudo a descrição sugere uma típica cena de interior:

> No meio do mato é que havia e existia a casinha. Rodeada de grandes árvores era ela, feita de madeira escura, pequenina e pobre casinha. Ali, nela, vivia a menina mais a avó da menina, a velha boa, que dela cuidava com carinhos que nem de mãe. (BAGNO,2005, p.5)

A familiaridade da cena atua na captação da atenção do leitor mirim, diminuindo a distância entre o narrador e o leitor. Conforme destaca Nelly Novaes Coelho, "esse recurso

narrativo é antiquíssimo e serve de ‘gancho’ para prender a atenção dos ouvintes” (1993, p. 97). A autora alude ao “contador-estórias” ao abordar a literatura primordial, ou seja, a da tradição oral que se tornou a clássica literatura infantil[2]. A linguagem utilizada pelo narrador reforça tal percepção, uma vez que o registro da oralidade dilui qualquer impressão de superioridade linguística do narrador sobre a criança (em geral menos letrada).

A ilustração de página inteira, de Nelson Cruz, reforça a descrição, principalmente se considerarmos as proporções das árvores em relação à casinha; e o jogo de sombras torna ainda mais intenso o sentido do mistério que o texto propõe:

Figura 1- Nelson Cruz, In: **Murucututu,** a Coruja grande da noite, p. 2.

Nesse sentido, o conto de Bagno mantém-se fiel à origem oral da lenda e a ilustração de Nelson Cruz, reproduzida acima, reforça isso, já que sugere a coruja à espreita. Esta, por sua vez, entra na efabulação pela voz da avó que contava histórias amedrontadoras para a menina antes de dormir, como o caso do murucututu, ave enorme assustadora que, segundo a avó, levava em suas unhas grandes a criança e soltava lá do alto, caso não dormisse cedo. Ressaltamos que a lenda recontada pela avó ainda apresenta traços da lenda original, pois, como apontamos, traz aspectos aterrorizantes:

> Criança que não dorme e teima em ficar acordada até tarde, vem o Murucututu e pega. Agarra com as unhas longas e finas, leva para bem alto

[2] Segundo a autora, essas histórias nasceram “do mito, da lenda, do maravilhoso...” (COELHO, 1993, p. 36).

> no céu escuro para depois deixar cair, cair, cair até se espatifar no chão, plaft, feito jaca madura que despenca do galho e se esparrama, fedida e nojenta. (BAGNO, 2005, p. 8)

A neta, por sua vez, não acredita nas historinhas contadas pela avó: "Uma coruja pode lá carregar uma criança? A menina ri da credulice da velha" (BAGNO, 2005, p. 9).

O desenvolvimento do enredo segue algumas funções típicas do conto popular, uma vez que apresenta a proibição como elemento central que impulsiona os eventos da narrativa. Assim, apresentam-se ao leitor três objetos sobre os quais recai a proibição: o bolo, que a avó faz para presentear a comadre; o vidro cheio de doce de goiaba em calda, que segundo a avó, "tem que esperar ficar bem velho, trancafiado na compota, quanto mais tempo melhor" (BAGNO, 2005, p. 16); e a rosca feita para o padre. Todos seguidos da desobediência da menina, portando, do malfeito.

A menina não mede as consequências, come parte das delícias e põe a culpa no murucututu. Mas certo dia quando estava devorando a rosca que seria para o padre, a coruja entra pela cozinha. A expectativa do leitor volta-se para a punição dos atos transgressores da menina. O clímax da história instala-se, mas a expectativa é frustrada, pois nesse momento a menina dá asas à imaginação, sobe no pescoço da coruja e voa alto:

> De repente, porém, o <u>vento</u> uiva do lado de fora da casa. A menina se arrepia de frio e ouve o mato que farfalha as folhas, a mata que sussurra, cochicha, chacoalha e se remexe. O <u>vento</u> que força a porta da cozinha, que faz a porta sacudir, o <u>vento</u> que empurra a porta e escancara a porta e invade a cozinha com seu grito fino e frio. E o <u>vento</u> para. O <u>vento</u> se vai. E pela porta aberta entre o leite azul da lua, que é cheia hoje. A cozinha iluminada.
> A menina vira-se para ver. E o que vê? Vê uma sombra aproximar-se da porta, como alguém, ou alguma coisa que chega. Mas ela não tem medo, a menina cheia da estranha coragem. (BAGNO, 2005, p. 22, grifos nossos)

Vemos que a palavra vento aparece repetida cinco vezes e é reproduzida nos sons de "ch", "lh", "f" e "v", quando o autor utiliza esse tipo de recursos enfatiza mais a poesia do que a prosa, coloca o vento como o elemento principal capaz de causar todo aquele impacto no ambiente em que moravam a menina e a avó. Explora a natureza; destacando além do vento, que causava frio e balançava a mata, a luz da lua que também entra nesse momento tenso, abrindo expectativas para a chegada do Murucututu. A pergunta "e o que vê?" intensifica a apreensão do leitor, mantendo-o atento e curioso como a própria personagem da história, pois permanece indefinida a origem da sombra ("como alguém, ou uma coisa que chega"). A sombra cresce na mesma medida da ansiedade do leitor:

> E a sombra aumenta e cresce até que pela porta entra, do tamanho de um homem, a grande ave descomunal, a coruja maior do mundo, o Murucututu, de orelhas pretas e papo branco, penas amarelas e linhas escuras pelas costas. Tem o bico curto e curvo os olhos arregalados e grandes, bolas amarelas, lâmpadas de fogo.
> A menina acha lindo o bicho. O Murucututu já está no meio da cozinha pequena, que ficou mais menor ainda com aquele monstro ali dentro. E o Murucututu diz assim: a coragem é grande virtude, menina. Se não tens medo, te mostrarei da noite os mistérios (BAGNO, 1993, p. 24).

No encontro com a enorme coruja já instalada dentro da cozinha, acontece o encantamento por parte da menina, considerado pela autora Nelly Novaes Coelho como arte literária, ou seja, expressão do lúdico por meio do elemento fantástico que invade a realidade. Ao contrário do que se espera encontrar por meio das atitudes das crianças estereotipadas, a menina não hesita e logo atende o convite feito pela coruja grande da noite, que a convida para voar alto. O voo representa, portanto, o ponto alto da narrativa, materializando na história a definição do clímax: "momento de emoção maior do conflito [...] aquele em que a complicação atinge no auge de complexidade" (PIRES, 1989, p.188).

A partir desse ponto esperamos que se concretize a punição, como já destacamos anteriormente, entretanto a expectativa é frustrada: o Murucututu não agarra e nem derruba a menina, ao contrário, a restitui em segurança, mas com uma nova mentalidade. Assim como a ascensão indicou o ápice da narrativa, a descida do voo do Murucututu aponta a preparação para o desfecho: "O Murucututu vai baixando e de novo estão em casa, junto à porta ainda aberta da cozinha. Ainda tonta do que houvera, a menina devolve os pés ao chão, a cabeça em maresia" (BAGNO, 2005, p.32).

Ao indicar o retorno da menina a casa, utilizando a expressão "devolve os pés ao chão", nos remete a ideia de amadurecimento, consciência dos atos praticados e valores adquiridos: "Quando acordou a primeira coisa que fez foi pedir perdão a avó. Confessou a feia gula [...] E ela cresceu, ainda mais corajosa" (BAGNO, 2005, p 34-36). Vimos que o passeio nas costas da ave fez a menina deixar a atitude individualista de lado e partir ao encontro do pensamento no outro, conforme argumenta Nelly Novaes Coelho (1993), a referência ao crescimento da personagem que se tornara uma mulher corajosa e sábia, reforça a ideia dessa mudança. A liberdade e a coragem mostraram sem esforços a realidade, haja vista, que isso ocorre pelo fato dela ser curiosa e questionadora, temática fortemente apresentada pelo autor Marcos Bagno com o intuito de reverter os antigos valores.

O fim do conto é marcado pelo desaparecimento da protagonista que, já bem idosa, pressente a chegada do fim da vida e parte para "o meio do mato". A narrativa aborda a temática da morte:

> Quando sentiu que ia morrer, já muito além de velhinha, retirou-se para o meio do mato, e ninguém nunca mais a encontrou. Mas eu juro que vi, naquela mesma noite, recortada contra a lua cheia, a figura enorme de um pássaro que levava alguma coisa presa às costas, alguma coisa que levava para o mundo silencioso da tranquilidade e do corajoso, sereno e justo esquecimento (BAGNO, 1993, p. 38).

Esse sumiço dela nos leva a entender que a morte já a havia chamado, mas pelo fato do autor contemplar a morte como um acontecimento natural, mas misterioso, retoma o contador de histórias da literatura primordial, afirmando ter visto a "menina/senhora" voando nas costas do Murucututu.

3.1.2 Personagens

Como se sabe, o personagem é um dos elementos mais importantes da narrativa, senão o mais importante, pois tudo gira em torno das ações praticadas por ele. Isso não é diferente na literatura para crianças. Conforme destaca Sônia Salomão Khéde, "vale lembrar que eles [os personagens], como elementos ativos dentro da narrativa, representam valores através dos quais a sociedade se constitui" (KHÉDE, 1990, p. 5).

A seguir examinaremos como cada personagem atua dentro do conto, sendo a forma de atuação diferenciada, pois cada um deles apresenta uma personalidade e função no desenvolvimento da narrativa. As personagens de Murucututu não têm nome próprio, sendo designadas apenas como "a menina", "a avó", "a comadre", "o padre" e "a coruja". Visando a parte da caracterização dos personagens e sua classificação, abordaremos cada um individualmente.

A **avó** é uma personagem tipo[3], pelo fato de ser uma senhora bondosa, moralista, supersticiosa e muito religiosa, faz o sinal da cruz muitas vezes na testa ao contar a história da "coruja grande da noite" para sua neta, também pratica esse ato quando a menina mente que foi a Murucututu que comeu o bolo.

---

[3] Personagem tipo é aquele que, segundo Cândida Vilares Gancho, é um personagem que possui características típicas, ou seja, não se modificam (GANCHO, 2002, p. 14).

A **menina** atua no conto como a personagem principal da história, com comportamentos diferenciados dos demais. Ela se mostra uma criança esperta, corajosa e curiosa, mas usa dessas qualidades, favoráveis ao desenvolvimento da criatividade, para manipular e transgredir as regras determinadas pela avó. Vejamos um exemplo: "Mas um ventinho fino lhe traz da cozinha o bom cheiro do bolo bom, o irresistível. Aí ela não dá conta. Levanta da cama e vai, pés de veludo para nenhum ruído" (BAGNO, 1993, p.11).

Essa é uma das várias transgressões que ela comete no percurso, o cheiro do bolo que chega até o quarto leva a menina a não pensar nas consequências, nem na coruja murucututu, que segundo sua avó era um bicho ameaçador. Ao retornar do passeio nas costas da coruja, a menina reconhece os erros e pede desculpas a quem dela cuidava com tanto afeto. Tal mudança de atitude e personalidade permite classificar a personagem, já quase no término da história, como "personagem redonda".

Segundo Nelly Novaes Coelho: "São personagens-tipo todas as que vivem nos contos de fada ou maravilhosos: reis, rainhas, princesas, príncipes, amas, bruxas, fadas, gigantes, anões, caçadores, animais encantados, etc., etc" (COELHO, 1993, p. 71, grifo nosso). O **Murucututu** é um personagem tipo, pois se trata de um animal do folclore brasileiro, atuando no conto como uma espécie que encanta a menina, fazendo parte do maravilhoso, como já dito antes.

A **comadre** e o **padre** também são personagens coadjuvantes, seus nomes são citados pelo autor, mas estes não tem nenhuma participação na história. Segundo Cândida Vilares Gancho: "se um determinado ser é mencionado na história por outros personagens mas nada faz direta ou indiretamente, ou não interfere de modo algum no enredo, pode-se não o considerar personagem" (GANCHO, 2002, p. 14). Julgamos adequado considerá-los personagens, pois são elementos que atuam na construção da narrativa, uma vez que servem de pretexto para as ações da avó e da menina.

Ao contrapormos as características e ações da avó e da menina, bem como a relação familiar que mantêm, outros aspectos devem ser ressaltados. O primeiro diz respeito ao fato de ambas serem totalmente diferentes entre si em suas atitudes e características: a avó é crédula, medrosa, tradicional; a neta é travessa, esperta, sagaz, ardilosa, astuta, corajosa, curiosa e avançada para sua idade.

O segundo aspecto a ser ressaltado em relação às personagens é a relação familiar que é monoparental, ou seja, estabelecida entre a neta e a avó. Segundo aponta a narrativa: "Ali, nela, vivia a menina mais a avó da menina [...]" (BAGNO, 2005, p.5). Esses dois

aspectos permitem identificar a construção e desconstrução de estereótipos, conforme destaca Vanessa Botton.

A autora, na dissertação **Os Estereótipos de gênero nos livros infantis**, afirma que a personagem avó se adequa à época em que as literaturas tradicionais eram compatíveis com os acontecimentos decorrentes de uma sociedade totalmente marcada por inúmeros preconceitos em relação à mulher, pois: "Além dos cuidados com a neta, a avó dedica-se aos serviços do lar, cozinhando e limpando a casa e usando sempre um avental, numa narrativa que se passa no ambiente doméstico, na cozinha, no quarto e no pátio" (BOTTON, 2011, p. 73).

Já a neta, por suas atitudes questionadoras, comparada à "Chapeuzinho Vermelho do século XXI", por Regina Zilberman (In: BAGNO, 2005, orelha do livro), desconstrói o comportamento da figura feminina e foge ao estereótipo da sociedade patriarcal que a vê como delicada, frágil, medrosa e submissa, conforme destaca Botton (2011).

Nelly Novaes Coelho comenta sobre essa questão que, nas sociedades patriarcais, "quanto à família, a autoridade suprema e decisória é [era] exercida pelo homem; enquanto a responsabilidade pelo comportamento dos filhos ou pelo funcionamento ideal da família e do lar é atribuído à mulher" (COELHO 1993, p.19). Entretanto, conforme a autora demonstra, novos modos de estrutura familiar estão em franco desenvolvimento, já não havendo a exclusividade do poder paterno sobre os filhos e a mulher (p. 22).

Tendo avançado já quase um quarto de século desde o livro de Nelly Novaes Coelho, percebemos que a literatura infantil registra também a desestruturação familiar, mas que a presença da avó que cria a neta já ocorria em Monteiro Lobato.

Como dissemos, na apresentação das personagens no livro de Bagno, não aparece a figura paterna, quanto à personalidade feminina, a Menina foge ao comportamento esperado do feminino e a avó remete ao tradicionalismo, já que seu objetivo principal era proteger a neta, por meio da historinha assustadora, passada de geração para geração. Há, portanto, incutido nas atitudes da avó certo moralismo. A autora Nelly Novaes Coelho esclarece que "na Literatura para crianças, essa moral aparece na rigidez da conduta 'certa' ou 'errada', que se condensa na 'moral da história' ou no prêmio ou no castigo recebidos pelos personagens" (COELHO 1993, p. 19).

Entretanto verificamos que a neta é focalizada no livro desde o início do conto pelo autor, pois esta aparece em duas fases da vida, a infância e a velhice, ficando sugerido o percurso pelo qual ela muda de personalidade, amadurece e se torna uma adulta dotada de

saberes. A avó, por sua vez, aparece na história como uma senhora idosa, já com a personalidade formada, sendo mantidas suas atitudes até o fim de sua aparição nos episódios.

4. Comparação

Nelly Novaes Coelho aborda que na contemporaneidade se recriam obras literárias por meio das antigas histórias, haja vista que o autor precisa estar consciente dos novos e antigos valores para que, assim, faça a reescrita de novas obras que agregarão novas possibilidades de apreensão do mundo na sociedade em transformação (1993, p.23). Com base nisso, observamos a importância dessa transformação que não desconsidera a tradição cultural, pelo contrário, a agrega como elemento fundador das histórias, tornando-as, contudo, capazes de mudar a percepção humana a respeito das novas demandas sociais.

Baseados na leitura sobre a verdadeira história da coruja Murucututu na canção de ninar brasileira, apresentada por Silvia de Ambrosis P. Machado, entendemos que alguns aspectos da história original permanecem na narrativa recontada por Bagno, outros, entretanto, foram propositalmente modificados pelo autor a fim de atualizar a concepção de mundo ali representada. Passaremos a enumerar aspectos semelhantes e diferentes entre ambos.

Inicialmente, a apropriação da lenda se dá pela forma como a avó conta a história do Murucututu, de origem folclórica, "[ao recontar] histórias à menina, lendas cheias de bichos maus" (BAGNO, 1993, p 7), a avó modificava detalhes com o objetivo de alcançar certos efeitos, principalmente, o medo. Mantém-se, nesse aspecto, fiel ao conto e sua função primordial: tanto o conto, quanto a lenda do folclore brasileiro possuem a mesma intenção em relação a trazer o sono à criança que fica acordada até tarde.

Assim, enquanto no acalanto a coruja se apresenta como uma espécie de bicho papão como já dito antes, posta na imaginação da criança estereotipada como um devorador de meninos(as). Na história contada pela avó o Murucututu entra na imaginação da menina como um animal esquisito pela forma que a avó contava, mas que ao mesmo tempo despertava curiosidade em conhecê-lo, essa parte questionadora da menina está presente na literatura contemporânea.

Como dissemos no item 2, a história original do Murucututu era contada por meio de lendas, mitos, acalantos. Com isso, Bagno inscreve sua história na tradição folclórica por meio do resgate de histórias comumente contadas pelos pais ou cuidadores da criança ao anoitecer.

Dentre as coisas citadas pela avó a respeito da Murucututu, em momento algum ela cita que além de ser pavoroso, o Murucututu é um bicho que traz paz, pois na lenda antiga a coruja se apresenta como um animal tranquilo. Silvia de Ambrosis Pinheiro Machado explicita a dúvida que a coruja transmite por ser um animal quieto e ao mesmo tempo assustador, mas enfatiza que só passara a causar medo por meio das canções de ninar.

Há um exagero por parte do narrador, no livro de Bagno, quando descreve que a ave era do tamanho de um homem, sendo percebível sua intenção em se tratando de causar um clima tenso e temeroso. Pois a forma original da coruja não é compatível com uma ave capaz de carregar uma menina do tamanho da que aparece no conto.

No episódio contemplado pela personagem avó sobre o que podia acontecer com uma criança insone, percebemos que os castigos comparados com os que propõe a primeira lenda do murucututu são diferentes. No conto, a coruja não é posta como um monstro comilão de criança, mas como um animal que dava o castigo às crianças se caso elas desobedecessem.

Na cultura europeia o mocho (coruja) se diferencia das demais aves, pelo fato de só aparecerem durante a noite, possuírem a habilidade de enxergar no escuro, chegando a serem comparadas conforme aborda o **Dicionário ilustrado de símbolos** (1993) como soldados vigilantes. Na simbologia, a coruja representa a deusa Atena, que, segundo Hans Bierdermann, “personifica a sabedoria” (1993, p. 110). Assim, o mocho se destaca pelo fato de apresentar qualidades diferenciadas das demais espécies, sendo considerado um animal esperto, sábio, que observa tudo.

Em outras culturas além da coruja ser símbolo da sabedoria, ela também é considerada uma espécie amedrontadora, como vagueia somente à noite, passou a ser considerada no simbolismo cristão como símbolo da escuridão espiritual segundo comenta o autor Herder Lexikon. Ele também aponta a ambiguidade da coruja nas questões bíblicas, pois representa a claridade nas trevas, tornando-se também símbolo representativo dos conhecimentos religiosos.

O autor Marcos Bagno parte do folclore brasileiro para apresentar em sua narrativa outros significados à coruja, sendo ela a responsável pelo sono das crianças como já comentado anteriormente; quando a avó conta as histórias do Murucututu, sobressai o significado cultural popular para o qual a coruja liga-se ao simbolismo negativo. Por outro lado, no momento que o Murucututu conversa com a menina na cozinha, elogia e a convida para voarem, aparece outro simbolismo para a coruja, vinculando-a às ideias positivas do conhecimento, da visão noturna, da compreensão dos mistérios e, portanto, da sabedoria.

Pelo fato da ave somente aparecer à noite nas histórias, vimos que o autor trouxe para a narrativa a tradição folclórica da verdadeira história da coruja grande da noite, a murucututu de raízes indígenas brasileiras, sendo esta da espécie (mocho).

Em termos de composição sonora comparado às duas lendas, ambas abordam a questão da vogal u com destaque no nome Murucututu como já dito antes, causando medo pelo fato dessas aves voarem à noite. Conforme comenta o **Dicionário de símbolos** do autor Herder Lexikon: [...] da Antiguidade até os dias de hoje, ela e seu grito são vistos como lúgubres e portadoras de mau presságio (LEXIKON, 1992, p. 66).

Quanto ao voo alto percorrido pela ave, esse se compara ao conto, pois isso é nítido no acontecimento do passeio da menina com a Murucututu: “A menina sobrevoa a vila, vê as casas adormecidas, os raros lumes acesos, e sente que o manto invisível do sono envolve todo o lugar com seu silêncio de rocha dura feito ferro” (BAGNO, 22005, p. 30). A neta e a coruja observam do alto quão silenciosa se mostra a noite pelo fato de ser um momento destinado ao sono. O Murucututu da lenda antiga se assemelha a essa ação, pois a coruja voa alto e ela costuma ficar acordada mais à noite, dependendo da espécie.

A partir dos pontos expostos, podemos ilustrar as diferenças entre ambas as histórias no quadro abaixo:

Tabela 2 - Comparação entre o acalanto e o livro.

Semelhanças	**Diferenças**
A história contada pela avó	Não castiga a menina
Mesma essência	Revela segredos
O medo	Mistério/maravilhoso
O terror	Fascínio “A menina acha lindo o bicho”
Aparece a noite para castigar crianças que teimam em ficar acordadas até tarde	A coruja transmitiu sabedoria à menina.

Assim, o autor Marcos Bagno apresenta por meio da coruja a tradição regional brasileira, cria e acrescenta alguns acontecimentos para que o maravilhoso aconteça na narrativa juntamente com a personagem menina, mantém alguns significados existentes no folclore e acrescenta outros de simbolismo mais universal.

Considerações finais

A pesquisa que ora propusemos é de cunho analítico com estudo bibliográfico e teve como referencial teórico as obras de Nelly Novaes Coelho (1993), Antônio Candido (1999) e Leonardo Arroyo (2011) que se referem à literatura em geral e à infantil em específico. Além disso, considerando a literatura infantil em sua especificidade, ou seja, a natureza da literatura infantil, considerada como arte e linguagem.

Nosso trabalho buscou analisar a história recontada por Marcos Bagno, **Murucututu**: a coruja grande da noite, utilizando os elementos do livro de Nelly Novaes Coelho, destacando os pontos que se assemelham ou se diferenciam aos acontecimentos da sociedade tradicional e da contemporânea, transfigurados tanto no conto tradicional registrado pelo acalanto de origem indígena quanto no atual registrado por Bagno, a partir dos antigos e novos valores descritos no estudo fundador de Nelly Novaes Coelho.

Com base na antiga lenda do Murucututu, buscamos fazer uma comparação a história recontada pelo autor Marcos Bagno, tendo como acontecimento primordial as cantigas de ninar, sendo nelas incluídas a ave que trazia o sono às crianças insones e castigava, devorando as que permaneciam acordadas.

Podemos perceber que alguns traços históricos foram mantidos na narrativa, como a forma que a ave aterroriza na calada da noite, a ameaça que ela causa por meio dos contos e das cantigas de ninar. Entretanto, quando a coruja se torna “real” e aparece para a menina que estava acordada até tarde, não ocorre o esperado castigo, mas a recompensa pela coragem, considerada uma virtude.

Como a literatura é essencial no desenvolvimento da mentalidade da criança, também influencia no seu crescimento intelectual e, consequentemente, produz novas formas de perceber o mundo, o autor apresenta por meio do conto uma criança diferente das que se encontram nas histórias estereotipadas. Mostra, como pudemos analisar, uma protagonista do sexo feminino que foge à figura frágil, submissa e reclusa no lar, ou seja, a menina é diferente daquela representada na época tradicionalista. Assim, em nossa leitura a avó é a representação da tradição em oposição à inovação, à mudança representada pela neta.

O objetivo do autor no que concerne à representação dos valores sociais parece ser negar o tradicionalismo, cuja tônica era a obediência irrestrita, a submissão da mulher, a moral repressora e punitiva, para, no livro **Murucututu**, reafirmar novas formas de agir, voltadas ao aprendizado a partir do questionamento, da coragem, da sabedoria feminina e da responsabilidade, tudo isso envolto num clima de valorização da intuição.

Concluímos com isso que o autor se propõe inovar a tradicional lenda, modificando o aspecto amedrontador e substituindo-o as características consideradas, em outros tempos, negativas por características consideradas positivas na sociedade atual.

Referências

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 3. ed. São Paulo: EDUNESP, 2011.

BAGNO, Marcos. **Murucututu:** a coruja grande da noite. Ilustrações Nelson Cruz. São Paulo: ática, 2005.

BEDRAN, Bia. Murucututu. In: **Acalantos**. Rio de Janeiro: Rob Digital, 2005. 1 CD. Faixa 4.

BIEDERMAN, Hans. **Dicionário ilustrado de símbolos.** São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1993.

BORDINI, Maria da Glória. **A poesia infantil.** São Paulo: Ática, 1986.

BOTTON, Andressa; Strey, Marlene Neves. "**E o prêmio vai para..." os Estereótipos de Gênero nos Livros Infantis**. Porto Alegre. Editora Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/5018/1/000430845-Texto%2bCompleto-0.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2017.

CANDIDO, Antônio. Literatura e formação do homem. In: **Remate de males**: 1999 - Antonio Candido. Disponível em: < http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/ remate/issue/view/200/showToc>. Acesso em: 22 jun. 2017.

CASCUDO, Luis da Camara. **Dicionário do folclore brasileiro.** 5. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. 6. ed. rev. São Paulo: Ática, 1993.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.

FERREIRA, Aurélio de Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2001.

KHÉDE, Sônia Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Ática, 1986.

LEXIKON, Herder. **Dicionário de símbolos.** São Paulo: Círculo do Livro, 1992.

MACHADO, Silvia de Ambrosis Pinheiro. **Canções de ninar brasileiras:** aproximações. 2012. 326 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-28082012-124302/pt-br.php>. Acesso em: 26 jun. 2012.

PIRES, Orlando. **Manual de teoria e técnica literária.** 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

SANTANA, Rilvan Batista de. Quem é Marcos Bagno? In: **Saber Literário.** Disponível em: <https://saber-literario.blogspot.com.br/2012/04/quem-e-marcos-bagno.html>. Acesso em: 15 jun. 2017.

ZILBERMAN, Regina. Orelha do livro. In: BAGNO, Marcos. **Murucututu**: a coruja grande da noite. São Paulo: Ática, 2005.